

.....

Este trabalho apresenta-se como um introito ao pensamento e obra de Cornelius Castoriadis. Aqui, abrange-se uma primeira fase de sua vida que vai de seu nascimento até 1974 quando da publicação de sua *magnum opus*, a Instituição Imaginária da Sociedade. O texto também fornece elementos preliminares sobre temas e textos poucos trabalhados e disponíveis para os alunos da área das humanas em geral, da política à filosofia, passando pela economia e a educação. Seguimos a trajetória traçada por ele, iluminada essencialmente pela *Introduction générale* à sua obra, apresentada na primeira edição de seus escritos da revista *Socialisme ou Barbarie* e complementada pela leitura de uma bibliografia anexada *in fine*. Por razões técnicas, o texto é dividido em duas partes.

Palavras-chaves: Filosofia, Política, História contemporânea,  
Instituição imaginária da sociedade, Crítica ao marxismo.

*This work is an introduction to the thought and work of Cornelius Castoriadis. It deals with the first phase of his life, from his birth to 1974, when he published his magnum opus, The Imaginary Institution of Society. The text also furnishes preliminary elements on themes and texts scarcely treated or available for students in humanities in general, from politics to philosophy, passing through economy and education. We follow his own trajectory, as illustrated in the Introduction générale to his work (in French), presented in the first edition of his writings in the review Socialisme ou Barbarie and complemented with readings from the bibliography annexed in fine. For technical reasons, the text has been split in two parts.*

*Keywords: Philosophy, Politics, Contemporary History,  
The Imaginary Institution of Society, Critique of Marxism.*

# Cornelius Castoriadis (1922-1997)

Prof. Dr. David :  
Victor-Emmanuel :  
Tauro :

Doutor em Sociologia :  
pela École des Hautes Études :  
en Sciences Sociales, :  
Paris, França, e Professor :  
Adjunto da UFMS, :  
Campo Grande (MS). :

*Para Lilian do Valle  
e David Ames Curtis\*\**

## 1 Prólogo biobibliográfico

De certa forma, Cornelius Castoriadis representa uma das últimas mentes dotadas de um alcance enciclopédico em nossa era. Nascido no dia 11 de março de 1922, em Constantinopla, Turquia, sua família foi obrigada a levá-lo para Atenas, com o intuito de escapar a perseguição dos gregos pelos turcos. Ali, numa idade precoce, deu início às suas atividades políticas: aos quinze anos, na luta contra a ditadura nacionalista de

---

\* As obras são citadas *ipsis litteris*, como elas se encontram nas editoras. Escolhemos essa opção por razões de comodidade para o leitor. Quando possível, indicamos as obras disponíveis em português. Para uma análise política completa desta fase de sua vida, veja a Introduction, *SBI*, p. 11-16. As siglas referem às obras identificadas na bibliografia, *in fine*.

\*\* Estou imensamente grato à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sílvia Helena Andrade de Brito, ao Prof. Dr. António Vitório Ghiraldello e à acadêmica, Vivian da Veiga Silva do Curso de Ciências Sociais (UFMS), pelas correções e sugestões feitas. Também, agradeço, antecipadamente, os comentários, as críticas e sugestões dos leitores. Evidentemente, os erros e lapsus calami que persistem são os meus.

Metaxas, entrou na ala jovem do Partido Comunista Grego. O próprio desenvolvimento do referencial marxista, bem como o chauvinismo do PCG<sup>1</sup> rapidamente o levou a ingressar nas fileiras do Partido Comunista Internacional (o primeiro grupo de oposição trotskista) liderado por Spiros Stinas, ainda quan-

Então, aos 22 anos, caçado pelas tropas nacionalistas gregas e seus aliados nazistas, tanto quanto pelo braço armado dos gregos stalinistas, aproveitou a oportunidade de uma bolsa de estudos francesa para escapar no navio de guerra neozelandês, o *Mataroa*<sup>4</sup>. Ali, Castoriadis fez sua carreira, enquanto imigrante, na Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômicos (OCDE), onde atuou como economista, terminando sua carreira como Diretor de Estatísticas,

*Castoriadis nunca cedeu na sua convicção que a luta contra a sociedade capitalista e a liberação de sua opressão eram fundadas na convicção que os homens e mulheres podem criar instituições autônomas para viverem livres...*

do estava cursando Direito, Economia e Filosofia.

A perseguição e morte de pelo menos 600 trotskistas gregos nas mãos dos “camaradas” stalinistas, em 1944, fez Castoriadis adotar uma visão muito mais crítica com relação a estes e ao próprio Trotski. Nas palavras de Linden<sup>2</sup>, não eram membros do movimento operário absorvidos pelo capitalismo, mas burocratas, opostos tanto aos operários quanto ao capitalismo!<sup>3</sup>

Contabilidade Nacional e Estudos sobre Crescimento<sup>5</sup>.

Em 1964, seus rumos mudaram. Voltou à Filosofia e iniciou um profundo estudo da lingüística, formou-se, em 1974, como psicanalista ligado ao Quatrième Groupe,<sup>6</sup> dissidente da École Freudienne de Jacques Lacan, e voltou para a academia, onde foi eleito como Directeur d'Études da École des Hautes Études en Sciences Sociales em 1979, cargo exercido até sua morte,

<sup>1</sup> Em sua contribuição «*Cornelius Castoriadis e a Educação*», para a *Enciclopedia da História da Educação*, 2000, p.1. Lilian do Valle anota: «amor pela filosofia e a exigência de engajamento político – que, durante toda a sua vida, andaram juntos – emergiram precocemente. Aos treze anos, inicia-se nas primeiras leituras filosóficas: quase ao mesmo tempo, aos quinze anos, faz-se membro da Juventude comunista grega». *Vide bibliografia, in fine.*

<sup>2</sup> Dr. Marcel van der Linden é Diretor de Pesquisa do International Institute of Social History, Amsterdam, Holanda, e Editor Executivo da *International Review of Social History*. Para essa parte de nosso trabalho, tivemos recurso, entre outros, a um texto dele, “*Socialisme ou Barbarie: A Revolutionary Group*”, que está disponível no site: [http://www.geocities.com/CapitolHill/Lobby/2379/s\\_ou\\_b.htm](http://www.geocities.com/CapitolHill/Lobby/2379/s_ou_b.htm). Por essa razão, não podemos nos referir ao número da página.

<sup>3</sup> O que segue, na segunda seção deste trabalho é uma análise precisamente deste processo de degeneração burocrática dos órgãos do movimento operário.

<sup>4</sup> Conhecido por ter trazido à França outros intelectuais gregos de formação marxista como Kostas Axelos ou Kostas Papaioannou.

<sup>5</sup> Em sua necrologia, Curtis anota que Castoridias havia avaliado que se o golpe do Estado tentado pelo Prtdo Comunista Grego havia vingado, teria resultado, não numa criação revolucionária de uma sociedade sem classes mas na insturação de um regime similar ao (regime) da Rússia. *Cf. CURTIS, David Ames. Cornelius Castoriadis Dies at 75 Philosopher and Political Thinker Inspired May '68 Rebellion in France*, acessível no site: <http://www.agorainternational.org/>. Agradeço o autor para a permissão de citar este texto que também foi um das fontes fundamentais deste ensaio.

<sup>6</sup> Seus membros-fundadores foram : Pierra Aulagnier (uma das esposas de Castoriadis), André Missenard, François Perrier e Jean-Paul Valabrega. O Quatrième Groupe foi criado em março de 1969. *Vide Anon. Les Écoles Psychanalytiques : La psychanalyse en mouvement*. Paris: Tchou, 1981, p.197. *Cf. também CIARAMELLI, 1998*, disponível no <http://www.psychomedia.it/jep/number6/castoriadis1.htm>.

no dia 26 de dezembro de 1997. Sobretudo, nunca abandonou sua postura e suas atividades como revolucionário: da clandestinidade até os últimos dias, brilhou como *zoon politikon*<sup>7</sup>, no sentido aristotélico da expressão.

Assim da oposição trotskista na Grécia, Castoriadis havia se tornado dissidente dela mesma, na França, formando, junto com Claude Lefort, o agora famoso grupo e revista *Socialisme ou Barbarie*<sup>8</sup> (1949-1966) no qual atuou sob vários pseudônimos<sup>9</sup>. Participou das atividades do movimento de 68, em Paris, (celebrado no panfleto *Mai 68: la brèche. Premières réflexions sur les événements*, escrito junto com Claude Lefort e Edgar Morin, sob um dos pseudônimos, Jean-Marc Coudray), permanecendo dedicado às suas atividades enquanto professor, intelectual e psicanalista.

Em 1970, ele aposentou-se de seu cargo de economista na OCDE e naturalizou-se francês. A partir de 1973, começou a publicação de suas obras em nome própria, editando seus escritos do *Socialisme ou Barbarie*<sup>10</sup>. Em 1974 publicou sua obra seminal, *A Instituição imaginária da sociedade*. Em 1976 seguiu-se a primeira de uma série incompleta de *Encruzilhadas do Labirinto*<sup>11</sup>, composta de artigos, conferências e entrevistas, incluindo os escritos da *Socialisme ou Barbarie* (8 volumes), obras soltas como *Diante da guerra* ou *Da ecologia à autonomia* (com Daniel Cohn-Bendit) e *Sobre O Político de Platão*, até a edição póstuma de seus seminários sob o título de *La création humaine*<sup>12</sup>.

Destarte esta obra voluminosa, Castoriadis foi um pensador inovador, que cuidadosamente evitou os modismos da hora na vida intelectual francesa. Assim, foi um crítico severo dos “companheiros de viagem” e do existencialismo de Sartre, do estruturalismo de Claude Lévi-Strauss, Lucien Sébag, Michel Foucault, Louis Althusser, Nikos Poulantzas, *et alii*, do “post-estruturalismo” dos “nouveaux philosophes” (Maurice Clavel, André Glucksman, Bernard Henri-Lévy, etc.), da desconstrução (Gilles Deleuze, Félix Guattari) ou do pós-modernismo (seu ex-companheiro do grupo, Jean-François Lyotard ou Jacques Derrida). Se o quadro do marxismo não lhe satisfazia mais, tampouco a cena francesa lhe oferecia qualquer ânimo; suas críticas não o levaram a cair no liberalismo, como muitos ex-marxistas, ainda menos a fazer qualquer concessão na luta contra a opressão e pela instituição da autonomia humana. *Até o fim, Castoriadis nunca cedeu na sua convicção que a luta contra a sociedade capitalista e a liberação de sua opressão eram fundadas na convicção que os homens e mulheres podem criar instituições autônomas para viverem livres, sem serem obrigados a aceitar o mando de outros (que sejam chefes, gerentes, políticos, quadros, militantes, padres, terapeutas, faquires, ou, mesmo, professores)*. Exemplificou, assim, em pessoa e como ninguém mais, a luta contra a heteronomia em todos os níveis<sup>13</sup>.

<sup>7</sup> Literalmente, Ser vivo, feito para viver na pólis, isto é em comunidade.

<sup>8</sup> Cf. LINDEN, *Op.cit.* O móvel político imediato foi a resposta trotskista à crise iugoslava, quando o marechal Tito declarou sua independência da direção ideológica stalinista.

<sup>9</sup> De nosso conhecimento são, pelo menos, estes cinco: Paul Cardan, Pierre Chaulieu, Jean-Marc Coudray, Jean Delvaux e Marc Noiraud.

<sup>10</sup> Vide bibliografia *in fine*.

<sup>11</sup> Até hoje, 6 volumes.

<sup>12</sup> O primeiro volume dos seminários de 1986-87 já está disponível em francês sob o título de *Sujet et vérité dans le monde social-historique*

<sup>13</sup> A mais longa e completa expressão literária dessa luta é o texto *Feito e a ser feito* no quinto volume das *Encruzilhadas do Labirinto* (ver a bibliografia,, *in fine*), p. 15-87.

## 2 A burocratização da revolução russa e as conseqüências para o proletariado (1944-1948)<sup>14</sup>

Mas, por onde começou Castoriadis? Em dois textos, Dick Howard (1975, p. 119 e 1977, p. 265), escreveu com as mesmas palavras que Castoriadis disse, certa vez, que o grupo *Socialisme ou Barbarie* havia "...puxado o fio certo", e, em seguida, havia simplesmente continuado puxando-o sem piedade". A referência é à burocracia em relação à transformação da revolução russa e do regime russo instaurado instaurado com essa revolução, sob o stalinismo. A experiência cotidiana na Grécia o havia levado a interrogar a política quanto à possibilidade dos movimentos sociais de resistir à integração nos aparelhos burocráticos, quando não estavam sendo destruídos por eles<sup>15</sup>.

Para Castoriadis, a posição de Trotski, perseguindo a caracterização da Rússia como um "estado operário degenerado" mostrava um erro fundamental: a confusão flagrante entre formas jurídicas de relações de propriedade e as relações sociais de produção<sup>16</sup>. Desde a redação da Contribuição à Crítica da Economia Política, Marx havia insistido que são as relações de produção que determinam as formas de distribuição, assim

como, na última instância, as reflexões superestruturais (ideologia, política, religião, direito, etc.) Castoriadis não aceitava que meras formas jurídicas de nacionalização pudessem constituir um Estado Proletário, apenas porque fossem acompanhadas de um programa de planejamento. Já em 1949 estava cuidadosamente analisando a maneira pela qual as relações de exploração do proletariado russo estavam sendo tecidas pela burocracia<sup>17</sup>. Essa posição avançava muito mais em relação àquela de Trotski que, desde 1934, já estava ciente que o proletariado não controlava o Estado russo, que o partido havia se degenerado, e das suas conseqüências apropriadas. Para Castoriadis:

"A ditadura do proletariado não poderia apenas ser uma ditadura política: além de tudo há de ser a ditadura econômica do proletariado, senão apenas será a máscara da ditadura da burocracia". (SBI: 179)

Assim, foi exatamente usando os princípios do marxismo que chegou à crítica do regime pós-revolucionário russo e à sua crítica trotskista. Permanecia a necessidade de examinar o papel do Estado e da burocracia como instituições sociais *sui generis*.

Dado o exemplo da Alemanha sob Bismarck como precedente, era esperada uma tendência de ver a Rússia como caso no qual a burocracia estava instituindo um capitalismo de Estado<sup>18</sup>. Uma tendência americana liderada por C.L.R. James e Raya Dunayevskaya (chama-

<sup>14</sup> Respeitei a periodização citada na introdução geral dos escritos de sua obra. Cf. SBI: *Introduction*, p. 11-61.

<sup>15</sup> LINDEN, *Op. Cit.*

<sup>16</sup> Cf. DAVID, Gérard. 2000, p.23.

<sup>17</sup> Cf. Les rapports de production en Russie in SBI: 205-281.

<sup>18</sup> É a posição de vários trotskistas hoje, por exemplo, Tony Cliff, cuja obra prima *State Capitalism in Russia* é a mais conhecida. Uma listagem exaustiva de obras sobre o assunto nós levaria longe demais de nosso objetivo. Brevemente, a primeira série de discussões sobre o assunto começou com os fundadores do marxismo; em seguida vieram Lenine e os social-democratas russos, depois vieram os comunistas dos conselhos – Gorter, Korsch, Ruhle, Pannekoek, Mattick, etc.; em quarto lugar, James, Dunayevskaya e Tony Cliff; depois vieram o grupo *Socialisme ou Barbarie*, seguido por os maoístas, chineses, albaneses e franceses (notadamente, Bettelheim e Chavance) e finalmente, teóricos do sistema mundo como Wallerstein ou Kurz. Por um tratamento extensivo e atualizado da questão, veja FERNANDES, Luis. *Leituras do Leste* (3 partes) in *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais - BIB*, Rio de Janeiro, n.41-43, 1996 - 1997.

da tendência Forrest-Johnson)<sup>19</sup> propôs que o Estado (senão o partido) estava cumprindo na Rússia o papel exercido pela burguesia no Ocidente. O pressuposto contida nessa posição era que, na Rússia, havia uma forma avançada do capitalismo.

Uma vez em Paris, Castoriadis procurou a filial francês do Partido Comunista Internacional (PCI) - a Secretaria Internacional da IV Internacional (Trotskista). Porém, logo no ano seguinte, suas dissensões sobre a Rússia e a situação mundiais pós-guerra o levaram a entrar em dissidência por criticar as posições oficiais dos trotskistas que ele julgou conciliadoras demais. Assim, em 1946, fundou uma tendência no seio do PCI, junto com Claude Lefort<sup>20</sup>. Em 1948, eles consumaram a ruptura com a criação de um novo grupo político: *Socialisme ou Barbarie*, assumindo uma tripla tarefa: examinar lúcidamente o desenrolar da história contemporânea; desenvolver a teoria revolucionária e,

em fim, focar na criação de uma nova relação com a classe operária mais condizente com a práxis revolucionária<sup>21</sup>. A revelação da verdadeira natureza do regime russo pós-revolucionário deve ser integrada no quadro de uma análise do desenvolvimento do sistema capitalista ao longo do século XX, junto com a história recente do movimento operário<sup>22</sup>.

*Castoriadis não aceitava que meras formas jurídicas de nacionalização pudessem constituir um Estado Proletário, apenas porque fossem acompanhadas de um programa de planejamento.*

A avaliação de Castoriadis começou com o destino da revolução russa: após um período inicial de ruptura com o antigo regime czarista, ruptura instituída com a Revolução de Outubro de 1917, os russos liderados pelos bolcheviques haviam construído o regime baseado na democracia dos soviets dos proletários urbanos e rurais, vencendo a oposição branca apoiada por vários países capitalistas europeus e os EUA, após uma

<sup>19</sup> Linden lembra que além da tendência Forrest-Johnson nos EUA e a de Castoriadis e Lefort (tendência Chaulieu-Montal) na França, Ygael Gluckstein liderou uma terceira tendência trotskista dissidente, sob o pseudônimo de Tony Cliff, na Inglaterra.

<sup>20</sup> Num dos primeiros textos, escrevera que a sociedade russa sob Stálin deve ser compreendida como uma formação sócio-histórica nova, nem capitalista, nem socialista, sem este último, toda a luta eficaz contra a burocracia é impossível. Cf. SBI, «*Sur le régime et contre la défense de l'URSS*» (1946), pp. 63-72. Companheiro de lutas de Castoriadis, Claude Lefort ofereceu uma imensa contribuição à Filosofia Política onde os temas tratados neste ensaio são estudados com uma perspicuidade inedita. Veja a bibliografia *in fine*.

<sup>21</sup> Vide SBI, *Présentation*, (mars 1949), pp. 131-137. Edgar Morin, numa contribuição à uma *Festschrift* organizada por Giovanni Busino, *Un Aristote en chaleur* referiu-se à essa criação como «a heresia de uma heresia». Cf. BUSINO, 1989 :11.

<sup>22</sup> Consideramos justa a avaliação dos escritos de Castoriadis feita por Howard: «(E)les providenciam um registro de um Marxista rigoroso e auto-crítico tentando lidar como problema da revolução sob o capitalismo contemporâneo». HOWARD. *Op. Cit.*: 263. Foram as próprias exigências marxistas que o levaram à crítica de Marx. Por outro lado, Linden escreve anota: «No *Socialismo ou Barbárie*, um esforço foi feito para considerar a burocratização dos movimentos sociais. As questões centrais eram: era uma lei de ferro que todo movimento opondo-se à ordem existente ou se desintegra ou se transforma em hierarquias rígidas? Como é que os militantes podem se organizar sem serem absorvidos ou enrijecidos em um aparelho burocrático? *Socialismo ou Barbárie* inicialmente colocou essas perguntas porque o grupo se perguntava porque as coisas tinham ocorrido de forma errada no movimento operário tradicional. Após tudo, no percurso do século XX, este movimento tinha-se alienado de suas raízes e tomada a feição de burocracias operárias e sindicais.» (LINDEN, *Op. Cit.*).

ferrenha guerra civil (1918-1921)<sup>23</sup>. Mas, aos poucos, um novo Estado havia sido construído, todo o poder dele concentrado nas mãos dos bolcheviques, a despeito dos outros grupos de esquerda: socialistas, mencheviques, anarquistas, etc. Eles constituíram todo o aparelho estatal dominado por Stálin. Com a mor-

*Desde 1946, os rumos de suas análises levaram Castoriadis e Lefort a entrar em conflito com a ortodoxia das posições da liderança trotskista que julgavam fraca demais em relação à crítica do stalinismo.*

te de Lenine em 1924, após uma breve luta interna, Stálin conseguiu o controle total do destino da Rússia, agora chamada a União das Republicas Socialistas Soviéticas – URSS. Julgando a onda revolucionária morta ao nível internacional, Stálin começou a pôr em prática sua ultra-nacionalista política de “Socialismo em um país único”, subordinando as atividades de todos os outros partidos comunistas ao destino da URSS, em detrimento das condições políticas específicas em cada um de seus países.<sup>24</sup>

Essa história da Rússia pós-revolucionária também foi forjada a partir das lutas internas do país, a vitória de Stálin sendo consagrada através da eliminação violenta de toda oposição, incluindo qua-

droso históricos da revolução, membros de todas as esferas do aparelho do Estado, graças à tomada do poder por uma burocracia solidificada como camada social, e a instituição de um novo regime finalmente teorizado pelos membros do grupo *Socialisme ou Barbarie* como “totalitário”. Desde 1946, os rumos de suas análises levaram Castoriadis e Lefort a entrar em conflito com a ortodoxia das posições da liderança trotskista que julgavam fraca demais em relação à crítica do stali-

nismo. O próprio Trotski, em suas análises dos anos 30, começou a tratar a revolução russa como “traída” e o Estado russo como “Estado operário degenerado”, isto é, um produto resultante da degeneração da revolução proletária. Castoriadis (*SBI*: 16-17) questionou essa posição:

A experiência histórica, segundo Marx e Lenine, ensinava que o desenvolvimento de uma revolução é essencialmente o desenvolvimento dos órgãos autônomos das massas – a Comuna, Sovietes, comitês de fábrica ou Conselhos – e isso nada tinha a ver com um fetichismo de formas organizacionais: a idéia de uma ditadura do proletariado exercida por um partido totalitário era uma derisão, a existência de órgãos autônomos das massas e o exercício efetivo do poder por estes não é uma forma, ela é a revolução mesma e toda a revolução.

<sup>23</sup> Desde os primeiros dias da revolução, houve várias interpretações quanto aos resultados. Apresentamos uma visão delas. A primeira, articulada pelos adversários políticos diretos dos bolcheviques, os Mencheviques e compartilhada pelo austriaco Otto Bauer, era que a revolução acabara em sua fase burguesa-democrática. Nesta mesma linha estava o italiano, Amadeo Bordgia que, rompendo com os bolcheviques em 1922, analisou o Estado russo emergente como capitalista. A segunda corrente estimava que o regime russo estava se tornando uma nova oligarquia, ainda mais regressiva que o capitalismo: pelo menos tal como James Burnham e Max Shachtman articularam suas posições, junto com a de Milovan Djilas, cuja obra *A Nova Classe*, tornou-se um clássico. A terceira posição será a de Trotski, cujo clássico, *A Revolução Traída*, qualificou a Rússia como «sociedade em transição, com relações de produção específicas, caracterizadas pela contradição permanente entre a propriedade coletiva dos meios de produção, e as normas burguesas de distribuição». Essa posição será acentuada por Ernest Mandel. O autor deste resumo é Tariq Ali. 1984, p. 15-17.

<sup>24</sup> Além das obras dos líderes russos Lenine, Trotski, Stálin, Boukarine, etc., o estudo de verdadeira importância é a coleção de Edward Hallett Carr, *The History of Soviet Russia*, composta de uma dezena de livros (*The Bolshevik Revolution* (3 v.), *The Interregnum*, *Socialism in One Country* (3 v.), *Foundations of a Planned Economy* (3 v.) e *The Twilight of the Comintern*, todos copiosamente documentados, e editados pela editora Penguin, Inglaterra. Evidentemente, os trabalhos de outros estudiosos como Moshe Lewin, Marcel Liebman ou Charles Bettelheim são, de maneira alguma, negligenciáveis.

Tampouco acreditavam ser possível que um mero retorno ao espírito que animou a revolução bolchevique seria suficiente para reanimar o movimento revolucionário. Uma autocrítica, por mais severa que seja nunca bastaria: as condições social-históricas haviam mudado demais. Mas a posição trotskista oficial sobre os regimes instaurados nos países da Europa Oriental após a II Guerra Mundial era ainda menos aceitável:

Devia-se qualificar os regimes instaurados na Europa oriental de “Estados operários degenerados”? Como o poderiam ser, se, para começar, nunca foram operários? E se os foram, precisariam admitir que a tomada do poder por um partido totalitário e militarizado era ao mesmo tempo uma revolução proletária – a qual degenerava na medida em que se desenvolvia.<sup>25</sup>

Assim, para Castoriadis, a natureza social e histórica do stalinismo e da burocracia<sup>26</sup>, “ponto central” sobre qual se construiu a posição de Trotski e o único que poderia fundar de direito a existência histórica do Trotskismo como corrente política se mostrava falso. Castoriadis, se distanciando da concepção trotskista, sobretudo, uma vez que ao contrário dos prognósticos desta última, para ele, a burocracia russa não apenas sobreviveu a guerra mas engendrou outros regimes similares na Europa oriental, procedeu a uma pesquisa aprofundada da natureza desta burocracia, e das relações sociais por ela tecidas junto com os outros segmentos da sociedade russa. Trotski, seguindo uma citação do próprio Marx<sup>27</sup>, tratava da burocracia apenas como uma camada parasitária. Castoriadis iniciou uma

tentativa de teorizá-la como uma *classe dominante*<sup>28</sup> por inteiro, exercendo um poder absoluto sobre o conjunto da vida social, e não apenas sobre a esfera política estreita, tendendo a substituir a burguesia tradicional. Então, foi levado a fazer esta análise do caráter sócio-econômico da sociedade russa:

Não é apenas que, do ponto de vista marxista, a idéia de uma separação (e, neste caso, de uma oposição absoluta) entre pretendidas ‘bases socialistas da economia’ russa e o terrorismo totalitário exercido sobre e contra o proletariado é grotesco; bastava considerar seriamente a substância das relações reais de produção na Rússia, além da forma jurídica da propriedade ‘nacionalizada’, para constatar que são efetivamente relações de exploração, que a burocracia assume plenamente poderes e *funções da classe exploradora*, a gestão do processo de produção a todos os níveis, a disposição dos meios de produção as decisões na distribuição do sobreproduto<sup>29</sup>.

Para Castoriadis, essa questão era crucial não apenas em relação à Rússia e, de tabela, para Trotski e o trotskismo: ele a considerou crucial para entender problemas de nossa sociedade contemporânea, também, derivados da crescente burocratização da vida quotidiana, não apenas em relação ao movimento operário, mas também em relação ao devir da própria sociedade capitalista, durante o século XX. As análises indicaram a instituição de novas formas de propriedade, de economia e de exploração que necessitavam respostas políticas urgentes. No processo de produção, a oposição entre possuidores e não possuidores tendia, segundo Castoriadis, a ser substituída pela divisão entre *dirigentes e executantes*. O que era mais

<sup>25</sup> *Idem*, p.16.

<sup>26</sup> “O nascimento da burocracia russa na e pela degeneração da revolução de Outubro, essencial em outros aspectos, era acidental quanto a este: uma tal burocracia poderia também nascer de uma outra maneira e ser, não o produto mas, a origem de um regime que não se poderia qualificar de operário, nem simplesmente de capitalista no sentido tradicional.” (*Ibid.*)

<sup>27</sup> Na Parte VII de sua *Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*, Marx descreve o aparelho estatal francês assim: “... uma enorme organização burocrática e militar, com sua máquina estatal minuciosamente estratificada e elaboradamente engenhosa e com uma horda de funcionários que chega a meio milhão, lado a lado com um exército de outro meio milhão, essa terrível substância parasitária que envolve o corpo da sociedade francesa como uma teia e sufoca todos os seus poros” *Vide* BOTTOMORE. 1988, p. 40.

<sup>28</sup> *SBI*:17.

<sup>29</sup> *Idem.*, pp.17-18, itálicos, nossos, DV-ET.



grave era que em muitos países a raiz dessa burocracia era precisamente o próprio movimento operário.

Trotsky, preso às concepções leninistas pré-revolucionárias da economia, quando não limitado pelas concepções econômicas de Marx (de um meio século antes), era incapaz de enxergar a verdadeira natureza da sociedade russa pós-revolucionária, ainda menos essa tendência generalizada de burocratização nas sociedades da Europa Ocidental, no capitalismo mundial do século XX. Além disso, permaneceu colado ao formalismo dos aspectos jurídicos da nacionalização e do planejamento. Em sua análise, no entanto, Trotsky sem dúvida fez uma concessão de tamanho – a da possibilidade da emergência de um regime até então inédito:

Trotsky havia escrito, preto sobre branco (*Na Defesa do Marxismo*) que se a guerra terminasse sem a vitória da revolução mundial, se devia revisar a análise do regime russo e admitir que a burocracia staliniana e o fascismo haviam esboçado um novo tipo de exploração, que se identificava, do resto, com a barbárie. (SBI:19).

No final de suas pesquisas, Castoriadis sentenciou:

A cegueira era cegueira de suas próprias origens: sobre as tendências burocráticas organicamente incorporadas no partido bolchevique desde o começo (que, do resto, ele [Trotsky – dv-et] havia visto e denunciado antes de nele adentrar e a lhe identificar), e sobre o que, já no marxismo mesmo, preparava a burocracia e dela fazia o ponto cego, o setor invisível e irreparável da realidade social, tornando impossível além de um certo ponto de pensá-la no quadro teórico que o marxismo havia estabelecido. (SBI: *Ibid.*)<sup>30</sup>

Essa análise levou o grupo a trabalhar visando os dois objetivos: a reconstrução teórica assim como uma renovação na prática política, visto essa mudanças históricas e a emergência de novas formas de exploração. Havia necessidade de redefinir novos objetivos, criar

novos modos de organização e inovar nas ações. Até então, a visão marxista considerava a nacionalização ou estatização equivalente à supressão da propriedade privada<sup>31</sup>. Agora, essa posição se mostrou insuficiente, pois além de terminar com as relações formais de propriedade, era necessário também expurgar relações políticas de dominação exercidas através das estruturas de gestão: a desigualdade instituída pelas relações entre dirigentes e executores. Toda e qualquer delegação de poder deveria ser recusada, junto com a criação de qualquer “direção”. Além disso, as responsabilidades da transição para o socialismo deveriam ser das massas para evitar qualquer ditadura do partido. É pela participação ativa e direta, sem qualquer mediação hierárquica, que o exercício do poder político seria melhor realizado. Para Castoriadis, a verdadeira forma de liberdade seria a democracia direta<sup>32</sup>.

É importante salientar que, para Castoriadis, a crítica do stalinismo não se inicia nem se restringiu à própria figura de Stalin: ela começa com a degeneração da revolução de 1917. As pesquisas sobre a economia na sociedade russa pós-revolucionária evidenciam a emergência de uma nova sociedade permeada de exploração por uma nova classe dominante burocrática, nascida da cristalização do aparelho burocrático do Estado, e o domínio desta classe, exercido sobre a sociedade pela instituição de novas relações de exploração, sob um novo regime de trabalho: relações de dirigentes-executantes ou de dominadores-dominados substituíram as velhas relações capitalistas ou formas pré-capitalistas de relações sociais. Ainda sob a influência marxista, a análise apresenta a sociedade burocrata russa e as relações de produção que a caracterizam. Esse regime social é uma forma nova de

<sup>30</sup> Veja, também, *EMO2:385-416, O papel da ideologia bolchevique no nascimento da burocracia e IIS:13-230.*

<sup>31</sup> Cf, por exemplo, o *Manifesto Comunista* ou *A Guerra Civil na França.*

<sup>32</sup> *SBI, Socialisme ou Barbarie*, pp. 139 – 183.

sociedade, na qual a burocracia (definida como “o conjunto das pessoas constituindo o aparelho estatal, em todas as ramificações”) ocupa um lugar central e determinante.

Concluindo, lembramos que:

A) Castoriadis criticou a confusão entre formas jurídicas de propriedade e relações sociais reais de produção: a mera nacionalização ou estatização dos meios de produção não confere automaticamente um caráter socialista à economia<sup>33</sup>.

B) Castoriadis insistiu que a posição efetiva da burocracia nas relações sociais de produção ou seja, o poder de dispor sobre os meios de produção, a gestão efetiva da produção e da repartição do produto social, faz dela uma classe exploradora, cujo poder sobre o conjunto da vida social é reforçada pelo seu domínio dos meios de coerção.

As conclusões tiradas dessas posições são diretas:

1) A sociedade russa pós-revolucionária não era socialista:

A grande mistificação que reina em volta do dito caráter “socialista” da economia russa é um dos principais obstáculos à emancipação ideológica do proletariado, emancipação que é a condição fundamental da luta por sua emancipação.<sup>34</sup>

Em um momento dado ele foi ainda mais incisivo: A URSS: 4 palavras, 4 mentiras!

2) a teoria da burocracia russa deveria ser inserida numa teorização global da sociedade capitalista, permitindo compreender a burocratização do sistema capitalista no seu lado ocidental da Eu-

ropa, já tematizada por Max Weber<sup>35</sup>; o novo regime social russo era construído sobre uma divisão social principalmente constituída entre dirigentes e executantes, no qual a posse formal dos meios de produção inexistia.

*Trotsky, seguindo uma citação do próprio Marx, tratava da burocracia apenas como uma camada parasitária. Castoriadis iniciou uma tentativa de teorizá-la como uma classe dominante por inteiro...*

3) A burocratização do sistema capitalista necessariamente produzia conseqüências tanto para as concepções políticas até então dominantes no marxismo, quanto para a teoria sobre os papéis das classes sociais, em particular a classe operária. O século XX testemunhou uma explosão da supremacia da burocracia não apenas na Rússia, mas no mundo inteiro.

No final das contas, na virada da segunda metade do século XX, Castoriadis, Lefort e os membros do grupo *Socialisme ou Barbarie* já haviam feito a avaliação crítica das posições políticas da segunda geração de marxistas, expondo os problemas graves que atravessavam o marxismo-leninismo e o trotskismo a partir da situação na Rússia pós-revolucionária. Agora, uma vez mostrada que a nacionalização e o planejamento não garantiam o exercício geral do poder operário, era necessário examinar como o capitalismo global havia sido institucionalizado em termos mundiais durante as décadas transcorridas do século XX. O que os levaram à crítica do marxismo.

<sup>33</sup> Ele cita Marx: “A questão de saber o que era essa propriedade, podia-se responder apenas por uma análise crítica da *economia política* (sic!), abraçando o conjunto destas relações de propriedade, não em sua expressão *jurídica de relações de vontade* (sic!), mas na *forma real, isto é de relações de produção*... Proudhon integra o conjunto de relações econômicas à noção jurídica da propriedade...” (MARX, 1963, p.185. Itálicos de CC).

<sup>34</sup> SB1: 205, *Les rapports de production en Russie*.

<sup>35</sup> WEBER, 1978, p. 956-1003.

### 3 O capitalismo durante o século XX e a crítica de Marx (1950-1954)

Linden<sup>36</sup> apresenta uma retrospectiva interessante da situação na Europa, imediatamente após da II Guerra Mundial: ainda antes que a Guerra Fria houvesse se iniciado, a Europa não estava claramente dividida politicamente entre os blocos dos superpoderes. Stalin ainda não havia imposto modelos soviéticos nos países anexados pelas Forças Armadas russas. Tampouco, Harry Truman havia iniciado o Plano Marshall, pelo qual os EUA empregariam seu imenso potencial econômico na reconstrução dos países europeus ocidentais destruídos durante a guerra, efetivamente, como arma na luta contra o comunismo.

Na Europa Ocidental, a guerra havia projetado os partidos comunistas sobretudo na França e na Itália. No quadro da representação democrática, eles haviam conquistado o apoio de milhões de eleitores, cansados das flagelações da vida dura desde a Depressão e durante os anos da guerra. As promessas de progresso e da reforma levaram comunistas até ao governo. Linden anota que: “No começo de 1947, Áustria, Bélgica, França, Itália, Islândia e Finlândia, todos tinham ministros comunistas”.

Foi durante o ano de 1947 que este momento de “coexistência pacífica relativa” se esgotou: as tensões entre as duas superpotências acirraram-se. Perante as necessidades econômicas dos países europeus e o novo surto de crescimento da economia americana, os EUA acharam uma solução mercantil perfeita: um programa maciço de ajuda. O general George Marshall, herói americano da guerra no Pacífico, em sua capacidade de Secretário do Estado (Chanceler dos EUA), ofereceu este plano aos países da Europa

ocidental: sob o pretexto da reconstrução da Europa e a luta para o extermínio da miséria, os EUA puderam garantir um ciclo de prosperidade de quase três décadas, reforçando os laços mundiais do capitalismo, encontrando novos mercados para escoar seus produtos e combater os perigos do comunismo. Em resposta, a lua de mel com os comunistas, terminou nestes países da Europa: os ministros comunistas foram expulsos, um novo órgão, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Europeu, criado para os fins ideológicos subalternos. No leste, vieram os passos correspondentes como se a Europa fosse um grande tabuleiro: a conversão progressiva destes países ao modelo soviético baseado nas burocracias partidária e militar, culminando na criação das “democracias populares”. A beligerância glacial estava começando.

O cenário que nos interessa aqui é o da França: a situação de parceria entre franceses antifascistas, comunistas e liberais passou de uma estreita aliança fundada na Resistência, a uma oposição ideológica-política total a partir dos meados de 1947. O PCF beneficia de um forte contato com os operários através de seu braço sindical o CGT. Junto com os socialistas (SFIO) e os democratas cristãos (MRP), compusera um governo de coalizão sob a liderança temporária do general de Gaulle. Graças a essa aliança, a burguesia conseguiu impôr reduções de salários sobre os operários. A política de contenção de greves e de movimentos sociais levou os comunistas a perder o apoio que tinham. Quando protestaram na primavera de 1947, Ramadier não hesitou: mandou demití-los na hora. Em seguida, comunistas e socialistas se separaram: a stalinização endureceu a posição sindical no CGT. Por sua vez, a SFIO foi infiltrada pela CIA, a nova organização Force Ouvrière, ligada a ele também foi dominado pela CIA, e o meio sindical reproduziu a oposição política dos blocos. Logo, a antiga militância

e mobilização minguaram. O boom econômico abriu novos horizontes de prosperidade e consumo antes nunca vistos.

Castoriadis, Lefort e os outros membros do grupo ainda estavam presos aos princípios marxistas fundamentais. As primeiras rupturas com a ortodoxia lenino-trotskista levaram Castoriadis a uma investigação analítica da situação da economia mundial durante o século XX. Os princípios tidos como norteadores de suas análises sofreram um exame crítico a partir de 1947-48 quando assumiu altas funções na OCDE e pôde ter acesso aos dados oficiais dos países membros da organização. CC começou com as premissas econômicas do *Programa de transição* (1938) de Trotski, cujo estudo o levou a uma crítica severa de vários pontos:

1. A idéia do desenvolvimento das forças produtivas, que segundo Leon Trotski, haviam não apenas amadurecido, mas estavam até apodrecendo, precisa ser corrigida: as forças produtivas continuavam a surgir, enquanto o proletariado não aumentava mais e nem se apropriava da cultura. Logo, era difícil entender como a revolução ainda estava na agenda num momento quando o capitalismo estava sendo restaurado a todo vapor;

2. Ainda menos era possível permanecer revolucionário uma vez que, se o proletariado não pôde fazer a revolução quando estava no auge de sua força numérica e cultural, como poderia a fazer em seu momento de declínio? Os dados apontavam a uma progressão continuada da produção capitalista nas décadas após a II

Guerra Mundial. Não houve uma revolução na Europa ocidental, nem a vitória do fascismo, não houve um aumento na exploração do proletariado, nem a crise econômica esperada da “baixa tendencial da taxa de lucro”, minando o sistema.

3. O capitalismo não havia resolvido seus problemas, mas não houve a concentração do capital nos mãos de um único capitalista ou, mesmo, nas mãos de um grupo empresarial. No entanto, Castoriadis escrevera que o grupo ainda permaneceu na expectativa de uma nova conflagração mundial. Quando examinou as razões que induziram Castoriadis e Lefort a errar em suas análises sobre a situação do capitalismo durante o século XX naquela época, Castoriadis anota que ainda acreditava nas teses de Marx assim como aquelas de Lenine e de Trotski como vemos abaixo. Os erros eram de vários tipos: o primeiro Castoriadis descreve (*SBI*: 25)

... era a superestimação da independência das camadas dirigentes dos dois blocos em relação à população de seus países e dos países dominados. A hostilidade da população americana perante a guerra da Coreia, as fissuras do império russo que a burocracia deve perceber já antes da morte de Staline e que estouraram ao dia com a revolta de Berlim-Este em julho de 1953, sem dúvida tiveram um papel decisivo na parada do curso à guerra aberta.<sup>37</sup>

Seguindo o raciocínio, o segundo erro, segundo nosso interlocutor, foi relacionado ao marxismo:

*Sob o pretexto da reconstrução da Europa e a luta para o extermínio da miséria, os EUA puderam garantir um ciclo de prosperidade de quase três décadas...*

<sup>37</sup> Castoriadis escreve em seguida: «Atrás destes fatos, há um significado profundo que descolei mais tarde (cf. *Le Mouvement Révolutionnaire sous le Capitalisme Moderne* (1959-60): um mundo separa as sociedades de pós-guerra daquelas de antes da guerra, enquanto o conflito está generalizado em todos os níveis da sociedade, que as camadas dominantes vêem seu poder limitado, mesmo na ausência de oposição direta, enquanto, também, que suas próprias contradições internas tem mudado de caráter, que a burocratização generalizada transpõe ao coração destas instâncias dirigentes as irracionalidades do sistema e impõem constrangimentos, diferentes dos constrangimentos clássicas mas tão poderosos quanto estes.» (*Ibid.*, *ibidem*).

... era a adesão à teoria econômica marxista e as suas conclusões – explícitas e autênticas –, como a idéia que o capitalismo apenas pode aumentar constantemente a exploração dos operários ou, implícitas e ‘interpretadas’ pela tradição marxista, como aquela da inevitabilidade de crises de sobreprodução e da impossibilidade do sistema a chegar a um equilíbrio dinâmico, mesmo grosseiramente definido. (SBI: 25)

Logo, logicamente levava à convicção de que a guerra era inevitável, como única saída do sistema, imposta pelas próprias necessidades internas. Acontece que o trabalho de Castoriadis na OCDE lhe providenciava material que, junto com uma nova leitura «aprofundado» do *Capital* lentamente o levou

... a concluir que o fundamento econômico que Marx queria dar ao seu trabalho ao mesmo tempo à perspectiva revolucionária, e que gerações de marxistas consideravam como uma rocha imóvel, era simplesmente inexistente. (SBI: 25-26)

Castoriadis anotou que havia um descompasso entre o que Marx havia escrito e a realidade concreta. Além disso, ... o que Marx havia escrito não fornecia qualquer arma para a inteligência da economia e não permitia encontrar nos acontecimentos, as predições formuladas em sua obra ou dedutíveis dela se encontravam desmentidas – fora daquelas que tinham um caráter sociológico muito mais do que econômico, como a difusão universal do capitalismo ou da concentração. Mais grave, ainda, do ponto de vista teórico, o sistema era mais que incompleto, incoerente, baseado em postulados contraditórios, cheio de deduções falaciosas. (SBI: 26).

Mostrando que não havia pauperização nem absoluta nem relativa do proletariado, não houve aumento da taxa de exploração, Castoriadis voltou a examinar a teoria marxista que criticou porque, segundo ele, *O Capital* não

... permite a determinação de um nível de salário real e sua evolução no tempo. Que o valor unitário das mercadorias de consumo operário diminui com a elevação da produtividade do trabalho diz nada sobre a quantidade total das mercadorias compondo o salário (200 x 1 não é menor do que 100 x 2); que no começo, essa quantia (o nível de vida real da classe operária) seja determinada por “fatores históricos e morais” diz nada sobre a relação com estes fatores, nem sobretudo sobre sua evolução; em fim, que as lutas operárias permitem modificar a repartição do produto líquido entre salários e lucros, o que Marx havia visto e escrito, é certo e até fundamen-

tal – porque essas lutas conseguiram manter essa repartição a *grosso modo* constante fornecendo pelo mesmo à produção capitalista um mercado interno de bens de consumo constantemente aumentado – mas, precisamente enfia o sistema inteiro, como sistema econômico, na indeterminação total no que diz respeito ao seu variável central, a taxa de exploração e, rigorosamente falando, faz tudo que vem em seguida, uma série de afirmações gratuitas. (*Ibid, ibidem*, ênfase original: DV-ET)

Segundo Castoriadis, a mesma coisa vale para a tese da composição orgânica do capital, empiricamente contestável na medida em que os estudos empíricos feitos não mostraram nem evolução histórica, nem correlação sistemática entre a relação capital/produto e o nível do desenvolvimento econômico dos países, sequer mostrando qualquer necessidade lógica. (SBI: 26-27).

E o pior estava ainda a vir:

Em fim, a grande quimera, a serpente do mar da teoria econômica de Marx, a ‘baixa tendencial da taxa de lucros’, aparecia como resultado de uma série de deduções falaciosas a partir de hipóteses incoerentes e totalmente impertinentes de qualquer ponto de vista – (SBI:27).

Castoriadis começou sua crítica com as posições teóricas da análise do capitalismo contemporâneo: a crença no mecanismo de crises de sobreprodução recorrente não iria levar ao colapso do sistema. Assistia-se à desintegração dos impérios coloniais, o que, segundo a doutrina marxista da época deveria levar ao colapso das economias metropolitanas. Isso não aconteceu. É verdade que Marx não havia tratado disso, mas na literatura marxista havia duas correntes:

Rosa Luxemburgo pensava que a economia capitalista necessitava de um ambiente não capitalista em volta dela para realizar a mais-valia, isto é, escorar a totalidade de sua produção, e o Imperialismo ali encontrava sua *raison d'être*; destacar as antigas colônias apenas poderia reduzir as saídas externas do capitalismo metropolitano em alguns casos como a China, suprimi-las totalmente e, logo, produzir a crise dela.

Para Lenine, ao contrário, a acumulação em circuito fechado é perfeitamente

possível, e a raiz do Imperialismo deve ser procurada em outro lugar (nas tendências dos monopólios a crescer sem limite seus lucros e suas potências); mas para ele, também, como para Trotski, discutindo as conseqüências para Inglaterra de uma independência da Índia – a perda das colônias não podia enfiar os países metropolitanos numa crise profunda, já que a estabilidade social e política do sistema estavam asseguradas apenas pela “corrupção” da aristocracia operária e, mesmo, por camadas importantes ao proletariado, possível apenas em função dos sobrelucros (sic!) imperialistas. (Cf. p.28).

Em ambos os casos, o mesmo resultado era logicamente e efetivamente previsto, e não se realizava.

Por fim, a teoria de Marx era em vista de um capital concorrencial e integralmente privada... visto que é apenas a lógica da teoria que está em logo, é claro que ali a teoria do valor implica a confrontação das mercadorias num mercado concorrencial, sem este o termo de ‘trabalho socialmente necessário’ perde seu sentido, o mesmo para a perequação da taxa de lucro. Então, qual poderia ser a pertinência dessa teoria para uma época onde o mercado ‘concorrente’ havia praticamente desaparecido, seja do fato da monopolização e das intervenções maciças do Estado na economia, seja ao fato da estatização integral da economia? (SB1:29)

Nesta situação, o que sobrava?

A teoria se desfazia como uma amálgama mal obrada.

A grandeza do *Capital*, e da obra de Marx, não era a “ciência” econômica imaginária que teriam contidas, mas a audácia e profundidade da visão sociológica e histórica que as sustentam, não a “*corte epistemológica*” como se diz estupidamente hoje, que teria feito da economia ou da teoria da sociedade uma “ciência” mas, ao contrário, a unidade visada entre a análise econômica, a teoria social, a interpretação histórica, a perspectiva política e o pensamento filosófico. O *Capital* era uma tentativa de realizar a filosofia e de a ultrapassar como simples filosofia, pela mostra como ela poderia animar uma inteligência da realidade fundamental da época: a transformação do mundo pelo capitalismo – que, por sua vez, animaria a revolução comunista. Ora o ele-

mento ao qual Marx mesmo havia conferido um lugar central nesta unidade, sua análise econômica, se mostrou insustentável. Precisamente por causa do papel não acidental, mas essencial, que tocava nesta sociedade – ‘a anatomia da sociedade está a procurar na economia política’, escreveu no mais celebrado de seus Prefácios – puxou, de vez, os outros elementos e a unidade dela. (SB1:29-30)

Então, Castoriadis concluiu que o tipo de teoria que Marx criou era impossível de ser desenvolvido porque dois variáveis centrais ao sistema – a luta de classes e o ritmo e natureza do processo técnico são indeterminados, por essência. O tipo de teoria econômica que Marx visava era impossível a ser desenvolvida porque duas variáveis centrais ao sistema – a luta de classes e o ritmo e natureza do progresso técnico – são indetermináveis por essência. A luta de classes, constante no cotidiano da vida capitalista tornava qualquer mensuração da taxa de exploração impossível pela simples falta de uma visão totalizada do quadro das lutas: ninguém tem uma posição privilegiada de sobrevôo permitindo acesso à totalidade das informações a qualquer instante: a impossibilidade de realizar um cálculo verossímil no tempo socialmente necessário impede o cálculo da taxa de exploração. Um complicador ainda maior é que cada ação reivindicativa desemboca numa outra, senão em outras, que pipocam aleatoriamente.

Os textos publicados nos números 12 (ago. 1953) e 13 (jan. 1954) também mostraram a impossibilidade de chegar a uma medida significativa do capital. Em parte, essa situação se configurou porque o próprio processo do desenvolvimento da tecnologia é imprevisível, incontrolável e, em grande parte, não-planejável<sup>38</sup>. Sem uma possibilidade de um domínio geral do processo tecnológico, todos os cálculos se tornam aproximativos, impedindo qualquer pretensão à cientificidade nos cálculos econômicos.

<sup>38</sup> O que está acontecendo na indústria da informática é um indicador mais do que suficiente por estes fins.